



ARGENTINA

Morre líder das Mães da Praça de Maio

Reconhecida como símbolo na busca por desaparecidos durante o regime militar (1976-1983), entre os quais dois de seus filhos, Hebe de Bonafini, de 93 anos, estava internada em um hospital de La Plata. Governo decreta luto nacional de três dias

Símbolo da luta pela busca de desaparecidos na ditadura da Argentina (1976-1983), Hebe de Bonafini morreu, ontem de manhã, aos 93 anos. A histórica líder e cofundadora da associação Mães da Praça de Maio, criada durante a repressão para descobrir o paradeiro dos próprios filhos e de outras pessoas presas pelo regime militar, estava internada desde quinta-feira no Hospital Italiano da cidade de La Plata, na província de Buenos Aires, após participar de um encontro com estudantes secundaristas. O governo do presidente Alberto Fernández decretou luto de três dias no país.

A morte de Hebe de Bonafini foi anunciada em uma rede social pela vice-presidente argentina, Cristina Kirchner. “Queridíssima Hebe, Mãe da Praça de Maio, símbolo mundial da luta pelos Direitos Humanos, orgulho da Argentina. Deus te chamou no dia da Soberania Nacional... não deve ser coincidência. Simplesmente obrigado e até sempre”, escreveu a ex-presidente.

Pouco depois, Alejandra Bonafini, filha da ativista, informou, por meio de um comunicado, que a mãe havia falecido às 9h20, sem informar a causa da morte. “São momentos muito difíceis e de profunda tristeza e compreendemos o amor do povo por Hebe, mas, neste momento, temos a necessidade de chorar (...) na intimidade”, afirmou.

A família deve anunciar hoje os locais para homenagens e atos de recordação. A organização que presidiu informou que “suas cinzas repousarão na Praça de Maio” e que mais detalhes serão divulgados nos próximos dias.

Alberto Fernández também prestou um tributo à ativista. Em nota, o presidente se despediu com “profunda dor e respeito da lutadora incansável pelos direitos humanos”. “O governo e o povo argentino reconhecem nela um símbolo internacional da busca pela memória, verdade e justiça pelos 30 mil desaparecidos”, ressaltou o texto divulgado pela Casa Rosada.

“Como fundadora das Mães da Praça de Maio, ela jogou luz na noite escura da ditadura militar e abriu caminho para a recuperação da democracia há 40 anos”, acrescentou o presidente argentino no comunicado.

Lenço branco

A luta de Hebe de Bonafini foi impulsionada pelo desapareci-

AFP



A ativista de direitos humanos com companheiras da associação: perfil combativo marcou os 45 anos de luta



Como fundadora das Mães da Praça de Maio, ela jogou luz na noite escura da ditadura militar e abriu caminho para a recuperação da democracia há 40 anos*

Alberto Fernández,
presidente da Argentina

mento de dois filhos no início do regime militar. Jorge Omar foi o primeiro a ser preso, em fevereiro de 1977. Raúl Alfredo sumiu 10 meses depois. María Elena Bugnone Cepeda, mulher de Jorge, teve o mesmo destino em maio do ano

seguinte. Hebe, então, participou de fundação, em 1977, do famoso grupo de mães que começou a se reunir na Praça de Maio, diante da sede de governo em Buenos Aires, para exigir informações sobre seus filhos. “Eu me esqueci de quem eu era no dia em que eles desapareceram, nunca mais pensei em mim”, desabafou, recentemente.

Com o passar dos meses elas começaram a se identificar com um lenço branco na cabeça, que rapidamente virou um símbolo da organização. Anos depois, a luta continuou na democracia, com manifestações e atos que seguiram exigindo verdade e justiça. Foram mantidas as marchas, todas as quintas-feiras, em frente à Casa Rosada. As manifestações só foram suspensas durante o período crítico da pandemia da covid-19.

Hebe de Bonafini, no entanto, estabeleceu um perfil polêmico ao se tornar uma militante aguerrida do ‘kirchnerismo’ e ferrenha de-

fensora do casal Néstor Kirchner (2003-2007) e Cristina Fernández (2007-2015). Em 2017, ela foi processada por suposto desvio de recursos públicos em um projeto de construção de casas sociais entre 2005 e 2011. A ativista considerou a ação uma “manobra” contra seu trabalho por parte do governo de centro-direita de Mauricio Macri (2015-2019), a quem ela considerava um “inimigo”. A ação judicial se encontra estagnada.

“Lamentamos a partida de Hebe de Bonafini, Mãe da Praça de Maio, irmã nesta luta pelo desaparecimento de nossos filhos. Abraçamos seus colegas e familiares. Até sempre!”, destacou uma nota emitida pela associação Avós da Praça de Maio.

A morte de Hebe repercutiu em países da América Latina, inclusive no Brasil. “Lamentando a morte de Hebe de Bonafini, Mãe da Praça de Maio, incansável e exemplar lutadora pelos Direitos Humanos. Nos-

sa solidariedade ao irmão povo argentino”, expressou Xiomara Castro de Zelaya, presidente de Honduras.

“A Pátria Grande honra uma mulher valiosa, lutadora e profundamente revolucionária que hoje, 20Nov, se torna eterna. Grande Hebe de Bonafini! Vai estar para sempre nos corações do povo venezuelano e latino-americano”, escreveu no Twitter o presidente venezuelano, Nicolás Maduro.

Na mesma plataforma, a ex-presidente Dilma Rousseff destacou: “Com a morte de Hebe de Bonafini, o mundo perde um exemplo de dignidade, uma mulher defensora da vida e lutadora pelos direitos humanos”. “Hebe viverá como exemplo de mulher e personificação da coragem”, acrescentou.

Por sua vez, o chanceler cubano, Bruno Rodríguez, lamentou a morte de uma “grande lutadora e presidente histórica das Mães da Praça de Maio, amiga íntima de #Cuba e da Revolução”.

Negociação de paz

Após um intervalo de quase quatro anos, o governo da Colômbia e o Exército de Libertação Nacional (ELN) retomaram as negociações de paz a partir de hoje, em Caracas, capital da Venezuela. As conversas com a última guerrilha reconhecida do país foram suspensas pelo ex-presidente conservador Iván Duque (2018-2022) depois que os rebeldes atacaram, com um carro-bomba, um centro de formação da polícia em janeiro de 2019. O atentado deixou 22 vítimas, além do autor do ataque.

Com chegada ao poder de um inédito governo de esquerda, liderado pelo ex-guerrilheiro Gustavo Petro, há três meses, os dois lados voltaram a estabelecer uma aproximação. Não foi divulgada a lista completa dos negociadores, mas Petro designou para sua delegação o líder pecuarista José Félix Lafaurie, seu adversário político.

“Somos conscientes do profundo desejo do povo colombiano (...) de avançar em um processo de paz e de construção plena da democracia”, assinalaram o alto comissário de paz da Colômbia, Danilo Rueda, e o integrante da delegação de paz do ELN Pablo Beltrán quando anunciaram a reunião de Caracas.

Também a reaproximação entre Bogotá e Caracas é recente. As relações diplomáticas entre os dois países sofreram uma ruptura após o reconhecimento de Duque ao opositor Juan Guaidó como presidente venezuelano em 2019, no lugar do presidente Nicolás Maduro. Além da Venezuela, Noruega e Cuba atuam como países mediadores do processo.

Fundado em 1964 por sindicalistas e estudantes simpatizantes de Ernesto “Che” Guevara e da revolução cubana, o ELN tem uma forte presença na fronteira entre os dois países. Na quarta-feira passada, a guerrilha libertou dois soldados que havia sequestrado perto da Venezuela, no início do mês, como “gesto humanitário”.

Os últimos cinco presidentes colombianos tiveram negociações frustradas com o ELN, que aumentou sua força de 1,8 mil para 2,5 mil membros após a suspensão dos diálogos com Duque, segundo estimativas oficiais.

ESTADOS UNIDOS

Cinco mortos em ataque a boate LGBTQIA+

Um ataque com arma de fogo a uma boate LGBTQIA+ no Colorado, oeste dos Estados Unidos, na madrugada de ontem, deixou ao menos cinco mortos e 18 feridos — alguns em estado grave. Identificado como Anderson Lee Aldrich, o suspeito de abrir fogo dentro do Club Q foi imobilizado e detido por dois frequentadores. Segundo testemunhas, o agressor já entrou na casa noturna efetuando disparos. Ele usou um rifle, de acordo com a polícia. O FBI investiga o caso.

A boate promovia um evento organizado em torno do Dia Internacional da Memória Transgênera, celebrado anualmente em 20 de novembro em homenagem às pessoas trans mortas de forma violenta. Os agentes in-

formaram que, além do rifle, encontraram ao menos uma outra arma de fogo no local.

“Pelo menos duas pessoas heroínas dentro da boate enfrentaram, lutaram com o suspeito e conseguiram impedi-lo de matar mais pessoas”, disse o chefe de polícia, Adrian Vasquez.

O presidente dos EUA, Joe Biden, reagiu com indignação ao ocorrido. “Os norte-americanos não podem e não devem tolerar o ódio”, disse o líder democrata, logo após tomar conhecimento do novo episódio de violência contra a comunidade LGBTQIA+.

“Lugares que deveriam ser espaços seguros de aceitação e celebração nunca deveriam se tornar locais de terror e violência. No

entanto, isso acontece com muita frequência. Devemos eliminar as desigualdades que contribuem para a violência contra pessoas LGBTQIA+”, assinalou Biden, em nota da Casa Branca.

Investigação ampla

A polícia informou que o suspeito foi levado para um hospital local, sem divulgar detalhes. Autoridades locais, estaduais e federais, incluindo o FBI, estão investigando o caso.

Nos levantamentos iniciais, o gabinete do xerife do condado de El Paso constatou que um homem com o mesmo nome do agressor foi preso em 18 de junho de 2021, aos 21 anos, depois que sua mãe disse que ele ameaçou feri-la com uma

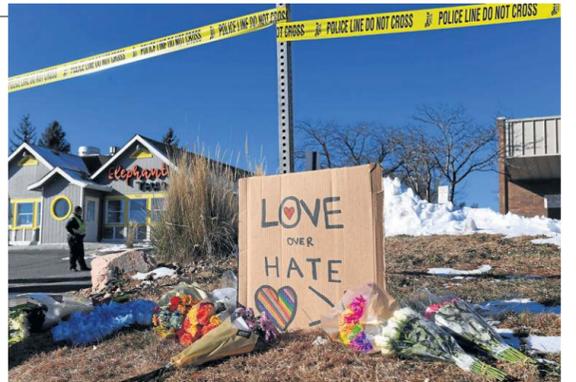
bomba caseira ou “armas diversas”. Agentes foram ao local — nenhum explosivo foi encontrado.

Os proprietários do Club Q disseram no Facebook que “estão devastados pelo ataque sem sentido à nossa comunidade”. “Agradecemos as reações rápidas dos heróis clientes que dominaram o atirador e colocaram fim a esse atentado de ódio”, acrescentaram.

As autoridades observaram que a investida ainda não havia sido oficialmente classificada como um crime de ódio, até a tarde de ontem, mas declararam que acusações de assassinato em primeiro grau provavelmente seriam apresentadas.

O governador Jared Polis, que em 2018 se tornou o primeiro homem abertamente gay eleito para

AFP



“O amor supera o ódio”, destaca cartaz deixado perto do Club Q

comandar um estado norte-americano, classificou o ataque como “horível, nojento e devastador”. “O Colorado está com nossa comunidade LGBTQ e todos os afetados por esta tragédia”, frisou.

Centenas de mensagens de apoio chegaram à página do clube no Facebook, algumas de países distantes como Suécia, Reino Unido, Nova Zelândia, Alemanha e Austrália.